

Escritores de 44 países pedem o fim do ecocídio na Amazônia

MÉXICO — Cento e vinte e cinco intelectuais e escritores, de 44 países, divulgaram uma segunda carta aberta ao presidente José Sarney pedindo, com urgência, medidas concretas para a preservação da Amazônia. Na mensagem, os intelectuais se solidarizam com os 28 escritores latino-americanos que, no dia 3 de abril, enviaram uma mensagem ao presidente do Brasil pedindo que detivesse o ecocídio na Amazônia. Ambos os protestos foram organizados pelo Grupo dos Cem, que reúne intelectuais mexicanos comprometidos com a ecologia, liderados pelo poeta Homero Aridjis.

A segunda e ampliada carta ao presidente brasileiro foi divulgada por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente. Além dos 125 escritores, também assinaram a mensagem 75 atores do Teatro Real Dramático da Suécia. Ingmar Bergman (Suécia), Lawrence Ferlinguetti, Allen Ginsberg e Arthur Schlesinger (EUA), Gunter Grass (Alemanha), Hugh Thomas (Inglaterra), Chinua Achebe (Nigéria), Y. Akikawa (Japão) Andrei Dítov (União Soviética) e Severo Sarduy (Cuba) destacam-se entre os intelectuais sensibilizados pela devastação ecológica na Amazônia.

A primeira carta — assinada entre outros, por Mario Vargas Llosa, Gabriel Garcia Marques, Carlos Fuentes, Isabel Allende, Ernesto Sabato, Manuel Puig, Nicanor Parra e Olga Oroscó — foi recebida com contrariedade pelo governo brasileiro, que

respondeu acusando os intelectuais de se intrometerem em assuntos de soberania nacional. Na segunda mensagem os signatários reconhecem que os países em cujo território se estende a floresta amazônica têm todo o direito de dispor de seus recursos naturais. Não obstante, ressaltam que a Amazônia é “o ecossistema de maior diversidade biológica da Terra e por isso deve ser preservado.”

Exemplo — A carta pede aos dirigentes do países amazônicos, e em especial ao presidente José Sarney, que “não siga o mau exemplo das nações desenvolvidas”, contribuindo irracionalmente para a devastação geral do planeta. “Se acabarmos com a natureza, destruiremos a própria vida” diz o documento”. A mensagem afirma que o governo brasileiro, “muitas vezes apoiado pelos bancos internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, tem financiado a destruição da selva ao fornecer subsídios e facilidades a agricultores, garimpeiros, e madeireiros”.

Entre os projetos brasileiros nocivos ao meio ambiente, a mensagem cita o Plano 2010 da Eletrobrás, que prevê a construção de 79 usinas hidrelétricas na região amazônica, e as rodovias Transamazônica e Rio Branco - Cruzeiro Do Sul, que qualificam de “corredor neo-colonialista em direção ao Pacífico”.

Os signatários expressam, também, sua preocupação pela queima dos bosques tropicais, que ajudam a

regular o clima terrestre ao filtrar o gás carbônico. “Além dos nacionalismos superficiais, a destruição do mais rico ecossistema do planeta, com todo o seu banco genético, nos empobrece a todos. Só a possibilidade de ver este patrimônio natural da humanidade transformado em fumaça já nos parece intolerável”, diz a carta.

Os intelectuais reconhecem que a situação angustiante dos povos da Amazônia precisa ser aliviada e defendida das depredações dos países desenvolvidos, “principais responsáveis pela destruição ecológica no planeta e pelo efeito estufa”. A carta diz que é preciso acabar com a relação perversa que existe entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e exemplifica: “Enquanto as nações subdesenvolvidas exportam 6 bilhões de dólares por ano em tábuas e madeira, importam ao mesmo tempo 10 bilhões de dólares em produtos de madeira processada”.

O documento reitera, em linhas gerais, as observações dos intelectuais latino americanos enviadas na carta de 3 de abril, desta vez como a adesão de personalidades de todos os continentes. Entre os intelectuais que assinaram a carta há representantes do Canadá, Coréia, Israel, Bulgária, Tchecoslováquia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Japão, Marrocos, Bélgica, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Noruega, Portugal, China, Romênia, Turquia, Holanda, França e das duas Alemanhas.



Bergman, Ginsberg e Grass assinaram o manifesto pela preservação da Amazônia